Ribeiro, Gil

(1965-)



Gil Ribeiro é o pseudónimo do conhecido e reconhecido guionista e romancista alemão **Holger Karsten Schmidt** que com o seu verdadeiro nome assinou cerca de quatro centenas de filmes e quatro séries policiais, sendo ainda criador de importantes figuras de detetives e colaborador em séries de renome como *Tatort*. Além deste seu trabalho para as mais importantes cadeias televisivas alemãs (ZDF, SWF, ARD, RTL, ProSieben), que lhe valeu destacados prémios (p. ex. Grimme Preis), escreveu para o cinema e aventurou-se, a partir de 2011, no mundo do romance policial (*Isenhart* (2011); *Auf kurze Distanz* (2015)).

Originário de Hamburgo, HKS estudou germanística e ciência política, com especial enfoque em ciência dos *media*, ao mesmo tempo que trabalhava como redator publicitário. Segue-se o estudo e depois a lecionação de guionismo, na Universidade de Baden-Württemberg. Viajante entusiasta, com longas estadias no estrangeiro, deixa-se cativar por alguns países (p. ex. Tasmânia e Nova Zelândia) que visita regularmente. O mesmo acontece com Portugal, onde chegou a primeira vez por mero acaso, aos 23 anos, durante uma viagem de *interrail*. Alguns anos depois, já casado, compra uma pequena casa na zona em que virão a desenrolar-se os seus policiais portugueses (GR, 2017a: 388).

Em 2017 publica o romance policial *Lost in Fuseta. Ein Portugal-Krimi* [Um policial em Portugal], anunciado como o primeiro de uma série, na qual se vieram a integrar nos anos seguintes *Lost in Fuseta. Spur der Schatten* (2018) [L.F. Pegadas das sombras] e *Lost in Fuseta. Weiße Fracht* (2019) [L.F. Carga branca]. Os romances giram à volta da figura do subcomissário alemão Leander Lost, cujo nome está na origem do jogo polissémico que o título encerra, e anunciam-se, desde logo, como fazendo parte dos romances policias contemporâneos que cruzam o género criminal com o do roteiro de viagens. A série "Lost in Fuseta" é, pois, mais uma série policial passada no ambiente do Sul, desta feita numa pequena vila piscatória no Sotavento algarvio.

Todavia, a busca por um acréscimo de suspense e de alteridade não advém neste caso apenas do contexto cultural em que a trama policial decorre: Leander Lost, o comissário alemão que chega ao Algarve por via do programa de intercâmbio da Europol, é uma exemplo de detetive / polícia peculiar, com traços de anti-herói, já que, como Sheldon Cooper da *Big Bang Theorie* ou Dr. Murphy de *The Good Doctor*, pertence ao grupo das figuras ficcionais autistas ou portadoras do síndrome de Asperger que se tem vindo a afirmar no cinema e em séries televisivas. As histórias à volta da figura de Leander Lost – cujas potencialidades narrativas são destacadas pelo autor, nomeadamente quanto a "questões mais profundas, como o sentido da vida humana" (GR, 2017b) – oscilam, assim, entre o texto policial, o relato de viagem e o romance psicológico. Não raro são as duas últimas dimensões que ganham a primazia nesta espécie de utopia portuguesa, a que a perspetiva do estrangeiro empresta um olhar entre o maravilhado e o condescendente.

O primeiro romance, *Lost in Fuseta. Ein Portugal-Krimi*, gira em torno do homicídio de um detetive particular e conduz a uma história de corrupção em que estão implicados uma multinacional suíça instalada em Portugal e também um polícia português. Para a atualidade da trama concorre ainda o facto de os crimes estarem ligados à escassez e à exploração criminosa de recursos naturais. O segundo romance da série, *Lost in Fuseta. Spur der Schatten* (2018), conduz o leitor ao passado colonial português, assunto que a literatura alemã sobre o Portugal contemporâneo retoma regularmente, bem como ao relacionamento de Leander Lost com uma mulher, também ela portadora do síndrome de Asperger. No terceiro e último romance, *Lost in Fuseta. Weiße Fracht*, a investigação sobre uma rede de tráfico de droga desenrola-se num ambiente internacional em que colaboram investigadores portugueses, espanhóis e alemães, o que permite a ativação e/ou o distanciamento parodístico face a uma série de estereótipos identitários. mais uma vez com um saldo positivo para aquilo que é apresentado como os traços do "ser e viver português" (a lentidão, a indisciplina, o trânsito caótico, o sentimentalismo, mas também a espontaneidade, a capacidade de improvisação e a intuição), numa afirmação de identidade nacional que os textos policiais (e de viagem) tendem a enfatizar.

É certo que há muito de realismo nas descrições topográficas detalhadas de um Algarve a três tempos (a revelar o bom conhecimento que HKS tem do Sul de Portugal) – com os *resorts* e os campos de golfe de frequência cosmopolita do Barlavento a ceder protagonismo a um Algarve piscatório, dolente e popular do Sotavento, ainda relativamente preservado de turistas, e um interior rural e/ou desertificado – em que as descrições entusiasmadas da beleza da paisagem e das praias (o mar/ a luz/a cor/o calor) tratam especialmente lugares recônditos e genuínos. Mas o Algarve de GR é também uma tela de projeção de fantasias de fuga, em que o país visitado se constrói em oposição àquele do qual se pretende fugir. Assim, no quadro algarvio pintado por Gil Ribeiro plasma-se a antinomia com uma Europa central da civilização que se deixou para trás e que se parece querer exorcizar na acentuação dos contrastes, numa dinâmica de oposição que caracteriza muitos textos de viagem contemporâneos (Cordeiro 2013: 145).

Se na descrição da paisagem, do clima e ainda da comida, amplamente tematizada também, se revela grande simpatia por Portugal, é na descrição da paisagem social e humana que se consubstancia aquilo que apelidei de utopia portuguesa.

Os retratos dos dois subcomissários portugueses que partilham a equipe de investigação com Leander Lost, bem como a família, vizinhos e amigos da subcomissária Graciana Rosado constituem um painel humano diferenciado, que revela a mestria do autor para criar em poucos traços figuras de grande vivacidade e humanidade. Todos confluem na capacidade não só de integrar “o outro” com grande respeito pelas diferenças, mas também de descobrir e promover o que de melhor há em cada um desses desprotegidos; vejam-se as figuras da órfã Zara Pinto e, principalmente de Leander Lost, que não apenas é aceite na sua diferença como, fruto das suas capacidades especiais, considerado uma mais-valia, tanto a nível profissional como humano.

Todavia, Portugal não deixa de ser apresentado como atrasado e bizarro, idílico e melancólico, apostado na preservação de arcaísmos referentes a determinadas memórias culturais, nomeadamente do seu passado colonial (que os escritores alemães tendem a

considerar) não resolvido. Leia-se, a este propósito, a caracterização dos portugueses feita por Leander Lost, desta feita investido em porta-voz do autor, e ainda a descrição da reação emocionada e embevecida dos portugueses que o ouvem, a que não falta um leve tom de ironia, pleno de potencialidades distanciadoras (GR, 2017a: 282-284).

Igual ambivalência valorativa e parodisticamente distanciada se esconde por trás da imagem que os portugueses detêm dos alemães e que os faz identificar o comportamento estranho de Leander Lost, com o seu exagerado amor à ordem/as suas tiradas pedagogizantes/ a sua incapacidade de solidariedade humana e as suas tendências delatórias como "tipicamente alemão" antes de o comissário ser "diagnosticado" como autista.

Menor capacidade crítica se trai no afã explicativo do autor e suas soluções para situações que de alguma forma chocam as expectativas culturais do estrangeiro (p.ex. justificar a falta de nomes nas caixas do correio com resquícios da fuga ao controlo exercido pelo Estado Novo (2017a:71) fará rir qualquer português que, pelo seu lado, estranha este costume alemão).

A reação dos leitores comuns a estes romances, que a crítica acolheu de forma laudatória, é relativamente consensual, de acordo com numerosos *reviews* publicados *online*: vontade de fazer as malas e rumar ao Sul.

Passagens

Portugal, Alemanha

Citações

O restaurante *Ilhote*, a pequena ilha, ficava no fim de um caminho campestre numa minúscula localidade costeira de nome Arroteia, a menos de 10 minutos de carro da Fuseta,

mesmo na costa da Ria Formosa.
Quando Leander Lost saiu do carro, a paisagem suspendeu-lhe a respiração. Uma vista sobre a lagoa de brilho esverdeado com centenas, mesmo milhares de pássaros, que voavam à volta ou em marcha ritmada pelas salinas. Pelo meio, carreiros de areia, planos, desertos naquele momento.
«A Ria Formosa», explicou Graciana Rosado, que seguia o olhar do *Alemão* «vai desde Faro, mais ou menos, até quase à fronteira espanhola».
«Sessenta quilómetros«, acrescentou Carlos Esteves, e nestas duas palavras ecoava um grande orgulho.
Na verdade, a região era todo o ano retiro tanto de aves comuns como raras, já para não falar dos mexilhões que aqui cresciam alegremente e que em caso de necessidade iam nessa mesma noite ou ao meio dia seguinte parar às cataplanas das cozinhas dos restaurantes.
«Já tinha lido sobre isto», respondeu Lealder Lost,«mas o poder do factual é inultrapassável». (2017: 38; tradução minha)

Portugal só tinha um país vizinho, e este olhava-o como a um irmão atrofiado, o que doía aos portugueses, até porque não deixava de ter algo de verdade. Na verdade, eles tinham sido outrora uma potência mundial com colónias na América do Sul, na Índia e na África. Hoje recebiam ajudas estruturais de Bruxelas.
Duarte tinha nascido em Espanha. E mesmo o facto de os pais terem mudado para Faro quando ele tinha sete anos não mudava nada no facto de ele pertencer *aos de lá*. O que talvez nem tivesse importância – porque ninguém aqui era mesquinho – se ele não fosse tão espanhol em tudo. Falava sempre muito alto, escovava os pelos do fato, refazia a risca sempre que tinha oportunidade e até punha creme nos lábios. Uma constipação banal era para ele uma gripe perigosa, gabava-se de saber dançar – e com razão asseverava Graciana, perante a incompreensão de Carlos – e considerava-se irresistível. (2017: 66; tradução minha)

Bibliografia Ativa Selecionada

RIBEIRO, Gil (2017a), *Lost in Fuseta. Ein Portugal-Krimi*, Köln, Kiepenheuer & Witsch.
— (2018), *Lost in Fuseta. Spur der Schatten*, Köln, Kiepenheuer & Witsch.
— (2019), *Lost in Fuseta. Weiße Fracht*, Köln, Kiepenheuer & Witsch.

Bibliografia Crítica Selecionada

CORDEIRO, Maria João (2013), "Der Europa-Diskurs in zeitgenössischen Reisetexten: von H.M. Enzensberger zu Pascal Mercier", in: Hanenberg/Capeloa Gil, *Der literarische Europa-Diskurs. Festschrift für Paul Michael Lützeler zum 70*. *Geburtstag*, Würzburg, Könighausen und Neumann, 144-152.

RIBEIRO, Gil (2017b) „Sieben Fragen an Gil Ribeiro" https://www.kriminetz.de/news/sieben-fragen-gil-ribeiro (acedido A 6. 6. 2018).

Teresa Martins de Oliveira

Como citar este verbete:
OLIVEIRA, Teresa Martins de (2019), "Gil Ribeiro", in *Ulyssei@s: Enciclopédia Digital*. ISBN 978-989-99375-2-9.

" *Ribeiro, Gil*
